



Os cinco varais do amor

amoridades, de André Salviano

Gustavo Rocha*

Revela-se difícil a tarefa de formular e, principalmente, exprimir uma impressão geral e sucinta sobre *amoridades*, livro de estreia de André Salviano. Isso porque, ao longo de seus 33 contos, a coletânea constrói um rico e intrincado mosaico de distintos sentimentos, todos eles desdobramentos diretos do amor: autoestima e insegurança; encanto e desencanto; confiança e desconfiança; desejo e indiferença; proximidade e distância... Cada um destes pares de elementos opostos entre si é um fio com o qual o autor tece curtas porém impactantes histórias, que refletem os afetos em voga nos relacionamentos contemporâneos. O Rio de Janeiro marca presença como cenário da maioria dos contos, desde o boteco em que um triste narrador para depois de flunar pelos bairros da zona sul da cidade, passando por uma livraria em que aborda uma leitora desprevenida e chegando à icônica roda de samba da Pedra do Sal – somente para citar alguns.

Além das cores cariocas, nota-se a esfera virtual e a tecnologia como mediadoras de encontros e desencontros entre os personagens. Aliás, esse traço se reflete na própria estrutura do texto: André Salviano se destaca pelo estilo curto, direto, seco, conciso, em “140

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

caracteres”, como exigido pelo Twitter, por meio do qual trama suas histórias. Em muitas, os períodos se iniciam por letras minúsculas, a pontuação final fica mais a cargo do leitor do que propriamente do autor e os diálogos entre os personagens se dão em texto corrido, sem o uso do travessão antecedendo as falas. O leitor se sente convidado a participar da conformação da narrativa. Pode-se argumentar que há, nos contos assim construídos, certa ousadia e originalidade estilísticas. É o que se vê logo no primeiro conto, “pedidos”. Dois personagens dialogam entre si. O autor finaliza os períodos com um ponto final somente para sinalizar que o personagem em questão terminou sua fala. Quem reveste as frases com um tom de afirmação ou de interrogação é o leitor.

desenha uma estrela pra mim. só uma. acho que sim. posso desenhar as três marias. não combina com meu nome e ainda me lembra a professora de arte, chata. você faltou ontem. sim, fingi que estava doente, risos. isso não se faz, sua mãe não briga contigo. eu sei fingir direitinho. eu não consigo. os homens não são bons nisso. falou como adulta agora. às vezes gosto de pensar que já sou uma, e abaixa a cabeça fingindo mistério (p. 19).

O mais notável é que Salviano não compromete em momento algum a densidade temática dos contos assim construídos, conseguindo impactar o leitor apesar do uso de um fraseado mais seco e contido. Vale dizer que parte dessa densidade também se deve à intertextualidade travada com poetas, tempero parcimoniosa e elegantemente despejado aqui e ali pelo criador do blog literário *Confraria dos Trouxas*, para o qual colaborou até 2015.

A inventividade do finalista do Prêmio UFF de Literatura na Categoria Contos também se revela na forma como dividiu as 33 narrativas de *amoridades*. Salviano os dispôs em cinco “varais” temáticos, cada um representando uma etapa na trajetória do aprendizado do amar, cada um simbolizando uma das *idades* do *amor*, daí o genial título *amoridades*. Como bem resumiu João Luís Anzanello Carrascoza na quarta capa do livro,

do primeiro varal, com relatos sobre a “descoberta do amor”, ao último, que concentra narrativas sobre os “amores possíveis”, fazemos um percurso de leitura que parte das zonas luminosas do sonho para, ao fim, abraçar as sombras abissais da realidade [...]. Depois de passar pelos cinco varais de histórias, vemos pela ótica sensível de André Salviano que, como pares de meias, ao lado de um amor sempre está, dependurada, a sua respectiva dor.

O primeiro dos varais, “No meio do caminho tinha um amor, e mais à frente a dor de perdê-lo”, traz cinco contos. A adolescente que se declara ao colega de escola e se surpreende com a reação dele; a filha de evangélicos que vivencia os primeiros impulsos sexuais despertados pelo filho de um casal de amigos dos pais, que vinha à sua casa para o culto, aos sábados; a metalinguagem de um conto de fadas às avessas, “de uma princesa que vivia no tuíte”, em que “de repente o príncipe deixou de ser príncipe” e amargou a desilusão do desencontro com a agora princesa em cujo “mundo de faz de conta homem real não entra”; o devaneio de um narrador que parece passar sua vida amorosa e sexual a limpo; e o de outro, que inventa uma relação e questiona o porquê de as vivências amorosas ficarem restri-

tas à imaginação. Os cinco contos do primeiro varal estão permeados pelo signo da *descoberta* do amor, inicialmente, e pela *desilusão* (ou *descoberta da desilusão...*), em coerente correspondência a “No meio do caminho tinha um amor, e mais à frente a dor de perdê-lo”.

O segundo varal traz, já em seu título, o tom dos contos “pregados” em si: “Sobrevoou o pão de açúcar, mas acabou pousando no sonho”. Sonho, idealização do outro e conseqüente desilusão compõem a tríade mestra das cinco narrativas desse varal. “A vida me afastou de você, que não quis ser o que eu idealizei antes de você chegar. Mesmo tendo dias maravilhosos juntos, você me enganou. E no limite do que já não éramos eu parti. Sonhar, às vezes, é cruel” (pp. 38-9), afirma o narrador de “Ir”, logo após descrever cenas de um sonho permeado pela figura da mulher com quem não está mais junto. No conto seguinte, “três cantos”, Salviano retoma o estilo direto, seco, conciso, o fraseado em “140 caracteres”, ao apresentar um narrador vivenciando uma intensa paz de espírito, um ponto de equilíbrio entre o sono profundo e a dura realidade lá fora, graças à companhia da mulher amada em sua cama. A *realidade*, aliás, se confunde com o *sonho* na mente do narrador de “Trístico”, que bem explora os diferentes sentidos de cada um dos termos, além de entrelaçá-los ao longo do conto. “até ontem”, único conto a destoar da referida tríade mestra, parece trazer um casal, há muito tempo junto, que redescobre o sentimento mútuo e original que os moveu um em direção ao outro. E, finalmente, “ficção”, cujo narrador se revolta contra a porção “sonhadora” de sua alma em face de mais uma decepção amorosa, descrita por meio de breves e oportunas intertextualidades com diferentes poetas brasileiros.

Distância é um signo dos mais presentes nos contos do terceiro varal, “Anátoma – Amor não comunga em nós, desfeitos um

para o outro”. É o que se vê, por exemplo, no narrador de “Mínimas evidências”, que se prepara física e emocionalmente para sair de casa rumo a um encontro, ainda que pessimista quanto à possibilidade de dessa vez vencer a quase que total indiferença (*distância...*) com que é tratado pelo(a) outro(a); no conquistador do conto “distantes”, que celebra as várias conquistas, condena a fragilidade emocional das mulheres seduzidas e confessa sua própria insegurança em relação a uma delas; em “desencanto”, que brevemente narra o crescente esfriamento da paixão de um casal, ao longo do tempo, até o inevitável desfecho da relação; e em “desencanto”, que conta o que sobrou da mulher que se foi “sem olhar pra trás”.

O quarto varal, “Quando chegas com vontades de ontem, torno-me hoje, amanhecemos saudades”, talvez seja, dos cinco, o que aponta para um maior número de sentimentos derivados do amor. A parte do rico e intrincado mosaico é a mais fracionada, por assim dizer. Os contos são atravessados pela lida do narrador com o ciúme; por expectativas sempre alimentadas, mas nunca cumpridas pelo outro; por desejos realizados e outros, irrealizados; pela nostalgia de um relacionamento despedaçado, enfim... A variedade de temas – ainda que todos englobados pela ideia maior do *amor* – se reflete no título do varal, que abarca tanto a concretização de um enlace amoroso (“Quando chegas com vontades de ontem, torno-me hoje”) quanto a do desenlace (“amanhecemos saudades”).

O quinto e último, “Pensei em desistir, mas você insistiu. Passamos a existir”, é o varal que conta com o menor número de contos “pregados” em si. É também o menos coerente dos cinco que compõem a obra. Explica-se: das três histórias que o compõem, somente a primeira condiz com o título, justamente o contrário do que ocorre com o primeiro varal. Trata-se de “Da Rosa ao amor”, que

narra um relacionamento proibido entre aluno e professora da oitava série invejado em especial por uma colega de sala que, anos depois, passa de esnobada pelo colega à condição de sua esposa. *A insistência* da menina ignorada pelo protagonista é o que fez com que o casal viesse a *existir* a partir do final da faculdade, que também cursaram juntos. Os dois contos seguintes, “Signos” e “Do jazz ao jaz ou A incrível lenda de Alice”, correspondem, respectivamente, à história de um flâneur que aborda uma moça em uma livraria e a de uma prostituta que vive o conto de fadas do casamento e a consequente fuga da vida que até então levava. Histórias que, argumenta-se, não apresentam tanta correspondência temática com o título do varal.

O presente texto consistiu em uma tentativa de esboçar e expressar uma impressão geral e sucinta sobre *amoridades*, tarefa árdua, reitera-se. A obra de fato consiste em um mosaico de vivências diretamente relacionadas ao amor, entendido não só como sentimento, mas sobretudo como percurso que o indivíduo cumpre e no qual se depara com pares de emoções opostas entre si, já apontadas na abertura desta resenha. Obra de estilo conciso, coeso, em “140 caracteres”; e em que a tecnologia e a virtualidade marcam presença como esfera mediadora de encontros e desencontros entre os personagens. Em sua estreia, André Salviano mostra as credenciais de observador atento aos afetos que circulam nas relações atuais e escritor com talento para reprocessá-los em forma de literatura de qualidade.